

O SABER POPULAR E SUA INFLUÊNCIA NA CONSTRUÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Marcos Alexandre

A origem da expressão “representação social” é européia. Ela remete ao conceito de *représentation collective* de Émile Durkheim, por longo tempo esquecido, e que o psicólogo francês Serge Moscovici retomou para desenvolver uma teoria das representações sociais no campo da Psicologia Social.

A distinção radical entre representações individuais e coletivas, proposta por Durkheim no final do século passado, revela a influência sofrida pelo meio científico de sua época. Na passagem do século XIX para o século XX, era freqüente, entre os cientistas que se destacavam na área das ciências humanas e sociais, escrever tanto sobre o individual como sobre o coletivo. Sabiam o suficiente para separar os dois objetos de estudo, mas não o bastante para demonstrar como eles estavam inter-relacionados. Algumas vezes, como no próprio caso de Durkheim, o motivo pelo qual se fazia a distinção entre os dois objetos se devia ao fato de que o cientista desejava investigar um deles, mas não o outro. Em seu artigo de 1898, *Représentations individuelles et représentations collectives*, Durkheim, ao estabelecer uma distinção entre representações individuais e coletivas, também estava distinguindo a sociologia da psicologia¹.

Na década de 50, Serge Moscovici elaborou uma pesquisa visando delimitar o conceito de representação social através da maneira como a psicanálise era entendida e definida fora do meio universitário. Para tanto, recolheu os dados necessários através de um trabalho de campo junto a uma parcela da população parisiense - no caso, aquela que utilizava o

metrô como meio de transporte. Além disso, recorreu aos artigos relativos à psicanálise publicados na imprensa francesa entre 1952 e 1956.

A pesquisa é publicada no Brasil em 1978, sob o título *A representação social da Psicanálise*. Nessa obra, Moscovici mostra como a psicanálise, uma teoria científica complexa, ao ser difundida em determinada cultura, se transforma ao mesmo tempo em que modifica o social, a visão que as pessoas têm de si e do mundo em que vivem. Neste processo, a psicanálise, enquanto uma teoria nova sobre o comportamento humano, converte-se num componente da realidade cotidiana, um objeto do pensamento social e transforma-se numa representação social autônoma, sem grandes semelhanças com a teoria original.

O conceito de Moscovici nasce da releitura crítica feita sobre as noções de representação coletiva da teoria funcional de Durkheim, uma vez que, para o psicólogo francês, as representações coletivas são por demais abrangentes para darem conta da produção do pensamento na sociedade. Na definição de Moscovici, a representação social refere-se ao posicionamento e localização da consciência subjetiva nos espaços sociais, com o sentido de constituir percepções por parte dos indivíduos. Nesse contexto, as representações de um objeto social passam por um processo de formação entendido como um encadeamento de fenômenos interativos, fruto dos processos sociais no cotidiano do mundo moderno.

Na obra de Moscovici, os aspectos conceitual e epistemológico (enquanto formas de explicação) são tomados em referência à inter-relação entre os sistemas de pensamentos e as práticas sociais, para que seja possível compreender os fenômenos complexos do senso comum (saber popular) e a eficácia destas representações na orientação dos comportamentos e na comunicação, entendendo a representação social como sistema de recepção de novas informações sociais.

Moscovici aponta, já neste primeiro estudo, a possibilidade de, através do conceito de “representações sociais”, compreender como o senso comum transforma os conteúdos científicos, ou de outros saberes formais, em explicações práticas sobre a realidade social, o homem e a natureza. A questão central da obra é esclarecer como uma teoria científica (no caso, a psicanálise) foi assimilada e utilizada pelas pessoas identificadas com explicações baseadas no senso comum.

O conhecimento elaborado pelo senso comum, apesar de gerar e orientar as práticas sociais, não tem *status* de ciência, pois não produz verdade científica. Sendo assim, o conhecimento científico passa a ser privilégio de um reduzido grupo que impõe certezas e, segundo a visão de Moscovici, retira dos demais grupos o direito de avançar para um estágio mais elevado do conhecimento. Desta forma, quem não produz verdade científica, fica dependente dos outros, gerando dois níveis interligados de problemas:

1. O conhecimento científico passa a ser privilégio de um reduzido grupo que apresenta certezas;
2. Retira dos demais grupos o direito de avançar para um estágio mais elevado de conhecimento.

A construção do senso comum se constitui, atualmente, em um tema caro às diversas ciências humanas, particularmente à sociologia do conhecimento. O próprio Durkheim, no final do prefácio à segunda edição da obra *As regras do método sociológico*, preconizou a importância desse estudo:

(...) O pensamento coletivo global dever ser estudado, tanto na forma como no conteúdo, por si e em si mesmo, na sua especificidade, deixando para o futuro a tarefa de procurar em que medida ele se parece com o pensamento dos particulares².

O senso comum se mostra como uma forma de conhecimento efetivamente prático, elaborado a partir das ações do cotidiano. Com esse caráter, a sua imagem como modelo de pensamento carece de padronização, porém não desestruturada. A estrutura sobre a qual se ergue o pensamento comum se caracteriza como estrutura informal, isto é, uma espécie de estrutura semi-lógica e flexível, determinada pelo caráter espontâneo e prático por parte dos indivíduos no uso dos atos de fala e ações sociais no dia a dia.

Segundo tal perspectiva, o senso comum é um tipo de pensamento em que as pessoas comuns procurariam articular o conhecimento à sua vida sem pretensão de transcendência e sem necessitar de regras e convenções para pensar. Seria um pensamento livre, embora fortemente influenciado pela tradição e pelos estereótipos de linguagem³. Sendo assim, o senso comum deve ser analisado como uma forma de percepção social a partir do conteúdo que ele faz representar conforme as necessidades práticas.

O conhecimento definido como comum (senso comum) é um produto do mundo moderno e se caracteriza pelo seu conteúdo de informalidade opostamente estabelecido à ciência. Esse caráter informal produz um modelo de conhecimento simples e popular resultante da veiculação de informações elementares difundidas pelos *mass media*, conjuntamente com os valores sociais da vida cotidiana. Segundo Perrusi, o pensamento comum passou a existir quando surgiu o pensamento formal e “... não existiu um senso comum, enquanto tal, nas sociedades primitivas, uma vez que ele só começou a existir a partir do surgimento do seu oposto, a ciência”⁴.

Dentro desse contexto, se produziu no mundo moderno uma clara distinção entre a existência de um pensamento normatizado, produtor de um discurso científico e sistemático que conduz às explicações formais *da e para* a sociedade, e a existência de um pensamento reprodutor de um senso comum como modo de saber prático condutor de um conhecimento popular *na* sociedade.

O antagonismo entre o caráter simples e popular do pensamento comum em relação ao pensamento formal, padronizadamente constituído como ciência, distingue clara e preliminarmente as formas estruturais das diferenças entre ambos.

Como afirma Perrusi⁵, com base em Moscovici e Hewstone, o senso comum, ou conhecimento sem padronização e sem sistematização, corresponderia a uma forma de pensamento mais *natural*, próprio dos diálogos da vida cotidiana ou, conforme Habermas⁶, *diálogos do mundo da vida*. Para Moscovici, a correlação entre vivência cotidiana e experiência concreta independem de determinações formais (Moscovici e Hewstone, 1988), sendo possível inferir que os atos sociais característicos no senso comum (atos de fala, atos mentais e ação prática) independem de determinações estruturalmente elaboradas e delimitadas pela constituição institucional da sociedade. Por essa razão, o senso comum é plural, genérico e pretensamente livre em relação ao pensamento formal. Sendo assim, o pensamento comum é um pensamento popular de primeira mão, que fundamenta o conhecimento na formulação de imagens e experiências práticas.

Isso reforça a argumentação acerca da representação como um modelo de produção de conhecimento e de novos sentidos no processo de construção da realidade fora do rigor do conhecimento formal. A distinção entre o pensamento representativo, próprio do senso comum, e o pensamento científico, é dada pelas características que marcam cada um deles, segundo Eder Sader⁷. O pensamento científico é formado por conceitos e signos; possui validade empírica; é dominado pelo *como?*; apresenta tipos de interferências fixos; é limitado nas sucessões de atos mentais; e possui algumas formas sistemáticas disponíveis. Quanto ao pensamento representativo, ele é formado por imagens e símbolos; possui validade consensual; é dominado pelo *por quê?*; é plural nos tipos de interferência; tem flexibilidade nas sucessões dos atos mentais; e tem várias formas sintáticas disponíveis.

Essas características marcam a distinção entre o que Moscovici chama de epistemologia científica e epistemologia popular. Segundo ele, é a partir do caráter da epistemologia popular, com base no senso comum, que se processa a formação da representação social. Para Moscovici, o senso comum reelabora e cria imagens referentes aos conhecimentos da vida cotidiana em relação a outras formas de produção de conhecimento e a outros conhecimentos.

Autores como Bergman e Luckman⁸ enfatizam a importância de tal conhecimento como principal fonte da ação humana na sociedade, pois refere-se àquilo que os homens conhecem como real na vida cotidiana e orienta as práticas humanas no mundo. Enquanto o pensamento científico ocupa um grupo limitado de pessoas e participa apenas parcialmente da totalidade do conhecimento que uma sociedade possui, todos os homens partilham, de uma forma ou de outra, do conhecimento *popular* no seio de uma mesma sociedade. Estamos diante de um conhecimento socialmente elaborado e compartilhado, constituído a partir das nossas experiências do dia a dia, como também pelas informações e modelos de pensamento que adquirimos e transmitimos através das nossas ações, classificadas por Jodelet⁹ como tradição, educação e comunicação social.

Fazem parte da construção das representações sociais tanto o indivíduo, com todo o seu arsenal de experiências, como também sua relação com o meio social. Incluem afetividade, conhecimento científico, ideologia e cultura.

As representações sociais não dizem respeito a conhecimentos certos ou errados sobre um objeto. Independente de serem corretos ou equivocados, a construção de conhecimentos do senso comum, por parte dos indivíduos, constitui um processo gerador de ações sociais a partir de visões de mundo, concepções ideológicas e culturais que estão presentes nas relações sociais da vida cotidiana.

O estudo das representações sociais é valioso na observação dos fenômenos psicossociais. Destacamos o caráter social das representações porque o homem não é um ser isolado. Ele está sempre se construindo e desconstruindo para se reconstruir, num movimento dinâmico através da comunicação, cujo veículo, a linguagem, portadora de representações, incide sobre aspectos estruturais e formais do pensamento social, possibilitando processos de interação, influência, consenso e polêmica.

Spink¹⁰, por sua vez, mostra que o estudo das representações sociais está ligado às teorias do conhecimento que procuram valorizar o saber do senso comum. Essas teorias passam a valorizar o conhecimento do homem comum como saber legítimo e que se pode considerar como motor de transformações sociais. Para a autora, o senso comum apresenta não somente lógica e coerência, mas também diversidade e contradição, o que nos possibilita considerar as representações sociais como sendo um processo que funciona na orientação da ação e da comunicação. Assim, o indivíduo pode ser tomado como símbolo de seu grupo e, através dele, podemos estudar a representação, desde que se leve em conta o contexto social em que ele se situa.

Minayo¹¹ enfatiza a importância das representações sociais na pesquisa em Ciências Sociais, já que elas são produto das idéias das filosofias da época, das elites e das massas, englobando ideologias, contradições e conflitos, numa conformação peculiar a cada grupo ou classe social. Assim, o estudo das representações sociais contribui para um melhor conhecimento do social, que pode ser utilizado em ações político-pedagógicas voltadas para a transformação.

Algumas questões complexas, ligadas à teoria das representações sociais, são apontadas por Jovchelovich¹². A primeira se refere a como se constrói a relação indivíduo/sociedade; a segunda, à importância da construção humana que se estabelece entre o real e o simbólico, por meio da palavra. É na articulação desses dois processos que se situa a teoria de

Moscovici. A autora procura explicar de que modo acontece a transição entre os processos individuais de construção simbólica, que são gerados no meio social, e a produção das representações sociais como símbolos que são construídos e compartilhados pela coletividade. Se o Eu se constitui na alteridade, isto é, a partir da internalização de outros, a vida privada tem origem na vida pública, na relação de um indivíduo com os outros. Por outro lado, a vida pública, estabelecendo normas de convivência, trocas de saberes, explicações e prestação de contas, é o lugar onde se constróem as representações sociais.

Em sua obra, Moscovici¹³ elabora, ainda, algumas distinções importantes que merecem ser destacadas:

1. Distingue representação social de opinião, atitude e imagem, que são formas mais simples de expressão, e que estão *fora* das intenções dos indivíduos. Isto é, alguém pode expressar uma opinião pela imposição social, o que não significa que incorpore o discurso à prática social. Pode emitir uma opinião sobre a qualidade da comunicação de massa, considerando que esta só existirá em um sistema político democrático. O próprio termo democrático, por exemplo, é muito utilizado e valorizado pela mídia, principalmente pela imprensa, de maneira que se torna imperativo assim se expressar socialmente sem, no entanto, o indivíduo compreender e elaborar um conceito de democracia. Isto quer dizer que nem tudo o que é produzido pela ciência e institucionalizado pelas classes dominantes, seja totalmente apreendido pelas massas.

2. As representações sociais não são simples reflexos mecânicos, cópias das impressões dos indivíduos sobre a realidade, mas resultados da interação homem-sociedade e vice-versa, num constante reinventar de situações, onde estão presentes os signos e os símbolos, a acomodação, a reprodução e os conflitos. A representação não pode ser reduzida a uma realidade externa ao sujeito.

Representar não consiste somente em selecionar, completar um ser objetivamente determinado com um suplemento de alma subjetiva. É de fato, ir mais além, edificar uma doutrina que facilite a tarefa de decifrar, predizer ou antecipar os seus atos....¹⁴

3. As representações sociais se distinguem do mito. Este é uma forma de pensamento e de condução de vida arcaico, uma filosofia única, enquanto que o conceito de Moscovici é formado pela pluralidade de sistemas explicativos do mundo (filosofia, ciência e política, entre outros), sendo uma das formas nas quais o homem tem de apreender o mundo em que vive.

4. As representações sociais são expressões dos sujeitos sobre um dado objeto interagindo socialmente, e desempenham o papel de orientar nosso comportamento, num movimento simultâneo de construir algo novo através da modelização do que está posto no real e ao mesmo tempo de expressá-lo simbolicamente.

5. A “representação social”, enquanto conceito, trabalha com o âmbito do social e do individual, considerando a mediação dos sujeitos (indivíduo e/ou grupo) com o mundo através do meio ambiente, utilizando como canal, nessa intermediação, a linguagem e a comunicação.

Concluindo

O caráter inovador do conceito de representação social foi descobrir no senso comum o pensamento representativo como processo mediador de novos conhecimentos e, conseqüentemente, um instrumento gerador de ações nas relações sociais.

Moscovici chega a esta conclusão a partir de como o conceito acadêmico da psicanálise é representado pela epistemologia popular dos indivíduos no dia a dia. Ele classifica o processo como ancoragem, ou seja, o

processo consiste na conversão do objeto social, no caso um conceito, em um instrumento de que os indivíduos podem fazer uso. Em outras palavras, esse processo é a transformação de um saber que foi produzido em um campo simbólico específico, como o científico, para um saber que pode ser útil aos sujeitos de uma maneira geral, isto é, transformar algo não familiar em familiar. Mas representar algo “não consiste simplesmente em desdobrá-lo, repeti-lo ou reproduzi-lo; é reconstituí-lo, retocá-lo, modificar-lhe o texto”¹⁵, pois aí está a função da representação social no mundo da vida do cotidiano, uma função transformadora.

Notas

1. FARR, R.M. *As raízes da psicologia social moderna*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
2. DURKHEIM, E. As regras do método sociológico. In: *Durkheim, vida e obra (Os pensadores)*. São Paulo, SP: Abril Cultural, 1973, p. 382.
3. MOSCOVICI, S. & HEWSTONE, M. De la ciência al sentido comum. In: Moscovici, S. (org.) *Psicologia social II*. Barcelona: Paidós, 1988.
4. PERRUSI, A. F. de A. *Imagem da loucura: representação social da doença mental na psiquiatria*. São Paulo, SP/ Recife, PE: Cortez/ Ed. Universitária, 1995, p. 100.
5. Idem.
6. HABERMAS, J. *Teoría de la acción comunicativa: crítica de la razón funcionalista*. Tomo II. Madrid: Taurus, 1987.
7. SADER, E. *Quando novos personagens entram em cena: experiências e lutas dos trabalhadores da grande São Paulo 1970-1980*. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1988, p.142.
8. BERGER, P. L. & LUCKMANN, T. *A construção social da realidade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.
9. JODELET, D. La representation social: fenômenos, concepto y teoria. In: MOSCOVICI, S. (ed.), *Psicologia social*. Barcelona: Paidós, 1985, pp. 469-494.
10. SPINK, M. J. O estudo empírico das representações sociais. In: SPINK, M. J. (ed.), *O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social...* São Paulo, SP: Brasiliense, 1993.
11. MINAYO, M. C. de S. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
12. JOVCHELOVITCH, S. Vivendo a vida com os outros: intersubjetividade, espaço público e representações Sociais. In: GUARESCHI, P. & JOVCHELOVITCH, S. (org.) *Textos em representações sociais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
13. MOSCOVICI, S. *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1978.
14. Idem, p. 27.
15. Idem, p. 111.

Resumo

Foi Serge Moscovici quem primeiro mencionou a expressão *representação social*, apresentada em seu estudo sobre a representação social da psicanálise, realizado na década de 50 do nosso século e intitulado *Psychanalyse: son image et son publique*. Nessa obra, Moscovici apresenta os resultados de sua pesquisa, na qual procura compreender de que forma a psicanálise, ao sair dos grupos fechados e especializados através de sua divulgação pelos meios de comunicação, adquiriu uma nova significação para grupos populares. Este artigo pretende apresentar os elementos constitutivos do conceito de “representação social”, elaborado por Moscovici, através de suas relações com o senso comum, que no jornalismo chamamos de saber popular.

Palavras-chave

Psicologia social, Comunicação, representação social e senso comum (saber popular).

Abstract

It was Serge Moscovici who first mentioned the expression *social representation* in his study on psychoanalysis' social representation, made in the fifties of our century and entitled *Psychanalyse: son image et son publique*. In this work, Moscovici presents the results of his research, where he intends to understand how psychoanalysis, when came out of closed and specialized groups across its divulgation by media, acquired a new meaning to popular groups. This article intends to present constituted elements of the concept of “social representation”, worked out by Moscovici, according to its relations with ordinary sense, which in journalism is called popular knowledge.

Key-words

Social Psychology, Communication, social representation and ordinary sense (popular knowledge).